

MIGUEL DEL CASTILLO

Restinga

Dez contos e uma novela



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2015 by Miguel Del Castillo

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Claudia Espínola de Carvalho

Preparação

Lígia Azevedo

Revisão

Valquíria Della Pozza

Marise Leal

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Castillo, Miguel Del

Restinga : Dez contos e uma novela / Miguel Del Castillo
— 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

ISBN 978-85-359-2529-6

1. Contos brasileiros I. Título.

14-12636

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira 869.93

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

I

Restinga, 13

Empire State, 23

Olimpíadas, 31

II

Violeta, 43

Paranoá, 51

Cruzeiro, 60

Leme, 68

III

Cancun, 73

Colônia, 82

Arraial, 89

IV

Laguna, 99

Agradecimentos, 127

Restinga

para Telma e Christina

Sai do táxi com pressa, atravessa a portaria do prédio e chama o elevador. Desde que a mãe foi morar com ela, vive aflita para chegar em casa, sempre pensando que algo pode ter acontecido em sua ausência.

Dentro do elevador, e depois no banheiro de casa, sua mente oscila entre os possíveis tons de voz com que diria o que o médico acabara de contar sobre sua mãe, ao telefone. Essa variação vai do imagina vai ficar tudo bem, a gente se vira, até outro tom, mais pesaroso, que inclui olhos cheios d'água e alguns lamentos no fim.

Laura lembra como a mãe cuidou do pai no fim da vida. Ele teve Parkinson; o maior efeito colateral, poucos sabem, não é a tremedeira, mas o enrijecimento dos membros. Ela comprou uma cama hospitalar, ajudava-o a movimentar braços e pernas, lavava-os para não dar escaras. Por isso se irrita quando Laura lhe diz para fazer algo. Sabe perfeitamente: tomar os remédios após

as refeições, não esquecer o da pressão. Apertar a bolinha com a mão do braço inchado. Ninguém precisa dizer.

Ela está bem, Laura pensa. Não tem por que se preocupar. Caminha no calçadão dia sim, dia não, no ritmo dela, para combater a osteoporose. Tem as amigas da igreja. É uma mulher baixa, atarracada, cabelo curto e pintado de castanho-claro, passa laquê toda manhã. Diferente de Laura, que puxou ao pai e sempre foi a mais alta da escola, sabe se expressar bem, não é extrovertida mas consegue falar o que sente e pensa. A mãe é direta, usa frases curtas, pisca pouco e encara firmemente as pessoas.

O antigo apartamento da mãe era em Copacabana. Ficava num edifício de pastilhas rosas, era assim que as colegas de escola de Laura se referiam a ele: vamos ao prédio rosa. Mas não recebiam muitas visitas. Uma vez, um primo de segundo grau veio com a esposa, bem mais jovem. A mãe passara boa parte do tempo na cozinha, reclamando da nova mulher dele para a faxineira, enquanto seu marido puxava conversa na sala, mostrando como Laura era inteligente para uma menina de sua idade.

É o movimento do bairro que mantém minha mãe animada, Laura sempre dizia, quando perguntavam por que não a levava para morar consigo logo, depois que o pai faleceu. Pode fazer as coisas dela, tem farmácia perto, supermercado, lojinhas de roupa. É bom manter certa independência.

A mãe decidiu se mudar, aceitando enfim a proposta da filha, quando o dinheiro da poupança acabou. Trouxe algumas coisas para o apartamento: uns porta-retratos, uma pintura com a paisagem de Miguel Pereira — cidade que frequentaram bastante nos anos oitenta —, a cama de solteiro que comprara após a morte do marido, roupas de cama, toalhas, sua cadeira de balanço — a mesma em que dera de mamar à filha, a mesma em

que sentira as fortes dores do aborto natural da segunda gravidez. Laura seguiu sendo filha única.

A mãe não gosta nada da Barra da Tijuca, bairro que Laura escolheu para viver por ser mais perto de seu antigo trabalho. Mas pelo menos tem a praia logo ali, um centro de conveniência dentro do condomínio, o ônibus que leva à Zona Sul, a piscina do prédio.

Laura ensaia contar aquilo que o médico disse, mas desiste. Observa a mãe assistindo à televisão, cochilando por alguns segundos e depois abrindo os olhos, assustada. Imagina como ela seria se não tivesse optado pelo corte de cabelo curto logo depois do casamento, o qual mantivera desde então. Lembra-se dela ainda jovem, com aquele cabelo, levando susto por qualquer coisa, e se irritando. O pai brincava, assustava a mulher de propósito na cozinha, na porta do elevador, ao entrar no carro; ela ficava uma fera.

Pensa em sua condição atual, as duas morando juntas: mãe e filha, ambas aposentadas. A mãe recebe a pensão de viúva; seu único trabalho formal fora no açougue do pai, entre os dezoito e vinte anos, até casar com um servidor público e passar a se dedicar apenas à casa. Laura tem a própria aposentadoria, mais robusta — deixou de trabalhar há menos de dois anos, ainda está se acostumando com a ideia.

Aquele meu sonho, a mãe diz. Você sabe qual é.

Desde que Laura era adolescente, a mãe a levava num restaurante cuja vista dá para o começo da restinga da Marambaia. Imagina, filha, a terra vai afinando até lá longe, fica mar dos dois lados. Explicava que ninguém podia pisar na restinga, era uma

reserva da Marinha. No ponto mais estreito havia apenas areia. Depois engrossava de novo com terra e mato, e acabava, antes da Ilha Grande. Um dia a gente anda ali em cima, Laura. Sempre dizia isso: um dia a gente vai andar lá. Apontava para o horizonte e desenhava na mesa o formato da restinga, porque dali só se via a vegetação do comecinho, não dava para ter noção do todo.

Laura tinha acabado de dar a notícia do médico, após o almoço que propôs à mãe no tal restaurante. Disse para ela evitar últimos desejos, essas coisas, tudo ia se acertar. Era só a operação, o doutor garantiu que tudo correria bem, e que não precisaria de tratamento depois. E hoje, com tanta tecnologia, ela poderia escrever, mandar mensagens de texto, enfim, ia se virar. De resto, continuaria com os remédios, tendo cuidado com o colesterol e pronto.

A mãe levanta, pede uma Coca zero e vai até o banheiro. Volta olhando para fora, para além de Laura. Preciso ir lá, filha.

O garçom é conhecido de longa data. Traz a bebida e elogia a beleza das duas. A senhora tem uma fábrica boa, diz, devia ter produzido mais umas assim. Pagam a conta, sobem com dificuldade a escada inclinada que leva à rua. Laura pensa que precisa trocar o carro por um mais confortável assim que possível, em breve a mãe vai começar a sentir algum incômodo, principalmente para entrar e sair.

É uma viagem razoavelmente longa. Nas idas ao restaurante, quando pequena, Laura não via a hora de chegar logo. A mãe dirigia muito devagar, o que só piorava a sensação. Parou de dirigir há dez anos, quando atropelou um cachorro que atravessava na faixa de pedestres.

Agora, Laura dirige e a mãe olha pela janela. Como isso aqui cresceu rápido, comenta. Você lembra, filha, aquela época? Era tudo um matagal, não tinha quase nada. Parecia que estávamos indo pro interior, pra outra cidade.

No avião voltando de São Paulo, o piloto faz a rota de que Laura mais gosta: por cima de todas as praias do Rio, desde antes da restinga. Ela escolheu um assento do lado direito para aproveitar a vista, caso o trajeto fosse esse. Precisou viajar para acertar o contrato com o novo inquilino do pequeno apartamento que comprara lá, anos atrás, quando o trabalho exigia sua presença constante na cidade e estava cansada de ficar em hotéis.

É um voo vazio, no meio da tarde de uma terça-feira. Não há ninguém nas duas poltronas a seu lado. Laura veste uma bermuda e uma camisa de manga curta, que formam um conjunto, e tênis brancos. Imagina-se de saia social e camisa, maquiada, no fim de um dia cheio em São Paulo com um colega ao lado, o laptop aberto para acertarem os últimos detalhes de uma proposta que enviaria ao cliente assim que chegasse em casa.

Após o desembarque, lembra-se de um amigo de longa data que acaba de subir de cargo na Marinha. Liga do táxi, pergunta como se faz para ir até a restinga da Marambaia. Olha, agora tem uns passeios, posso colocar vocês como minha família, ele diz. Vão de barco. É muito bonito lá.

Apesar de sempre ter ecoado a fascinação da mãe com a restinga, Laura nunca tinha pesquisado sobre ela na internet. Acha algumas coisas truncadas. Quería ver uma foto de alguém pisando na parte mais estreita da areia, mas não acha. Muitas imagens aéreas, vídeos dos fuzileiros navais dirigindo uns veículos pela areia, informações que se repetem em vários sites, bem objetivas e geográficas.

A mãe está na igreja, no curso de trabalhos manuais. Vai de

táxi toda quarta-feira, e no domingo as duas vão juntas. Laura pensa nos pequenos objetos que a mãe traz consigo depois das aulas: um espelhinho emoldurado por um mosaico, uma bandeja de madeira pintada, um porta-guardanapos com motivos de peixe.

Conversam bastante quando a mãe chega. Conta as novidades das amigas, dos pastores, Laura escuta com paciência. Você precisa encontrar suas amigas, filha, ficar em casa assim não faz bem. Falo por experiência. Laura diz que agendou para a próxima semana o passeio à restinga, é bom comprar o protetor solar antes que esqueçam.

Uma hora e meia ouvindo o motor do barco, até que chegam. Um dos tripulantes cita Tom Jobim: “Longa é a praia, longa restinga, da Marambaia à Joatinga”. Isso para informar que aqui temos mais de quarenta quilômetros de praia, diz. Ela se separa do continente pelo canal do Bacalhau. Apesar de pública, o acesso é restrito por ser área militar, administrada pela Marinha. Fazemos exercícios e experimentos com armamentos. Vale ressaltar, senhores, que a área pertence à Força desde 1906. No fim da restinga temos a ilha da Marambaia. Esse nome não é porque ela é cercada de água, não, mas porque tem elevações. O pico da Marambaia é a maior delas, com mais de seiscentos metros de altura. Aqui temos também uma das maiores reservas de Mata Atlântica do Sudeste brasileiro. A vegetação é em grande parte rasteira, com algumas árvores e alguns arbustos de pequeno porte. Podem olhar bem agora, bater fotos. Temos que voltar daqui a pouco. Como foi dito, não é permitido descer lá.

Laura tira algumas fotos com o celular. A mãe, debruçada no parapeito lateral, está toda branca, passou protetor solar em excesso. Veste um maiô antigo, preto com flores brancas. Laura

lembra que comprou aquele maiô para o pai dar de presente a ela num aniversário. Pensa naquele dia, a mãe reclamando da espera no restaurante perto da casa deles, sentando no banco do bar, pedindo alguns pastéis. Pra enganar a fome, dizia.

Esperavam um navio mais bélico, com cara de Marinha, mas é uma embarcação bem comum, parece uma escuna. Há cerca de vinte pessoas no passeio. Alguns casais de meia-idade, um grupo de idosas, só uma criança. A mãe está com uma expressão indiferente no rosto, Laura pensa, nem parece estar realizando seu grande sonho. Uma idosa pede a ela que fotografe seu grupo, duas vezes para garantir. Atrapalha-se com a câmera antiga de filme, pede desculpas.

Laura está no andar superior do barco, sentada. Sente um pouco de enjoo. Demora para perceber que os gritos que vêm lá de baixo são por causa da mãe, que se atirou ao mar sem aviso. Desce as escadas correndo, grita junto com os outros. A mãe começa a nadar, desajeitada. Entre as pequenas braçadas dos membros moles e cheios de rugas, os passageiros veem seu corpo roliço afundar um pouco, emergir, afundar de novo. O rapaz que estava falando mergulha com o assistente, trazem-na para o barco, ofegante.

Ensochado, o guia retoma o posto. O vento está gelado. Fala que uma grande preocupação hoje é a questão da elevação do nível dos oceanos. Se aumentarem muito nos próximos anos, pessoal, essa pequena faixa de areia some, e isso aqui vira mais um canal na baía de Sepetiba.

A forte pneumonia preocupa Laura, que fica todos os dias

no hospital. Vê as enfermeiras entrando e saindo. Dá comida à mãe, observa a língua dela, fina como a sua, entre um aguaceiro de saliva. O câncer é benigno, o médico disse, mas ainda assim teriam de cortar parte da língua. A operação já estava marcada, providenciaram isso pouco depois de receber a notícia; era dali a um mês. Não conseguiria mais falar, apenas emitir alguns sons.

Coloca os braços da mãe de lado. Laura ajuda no banho, lava as partes íntimas. A mãe reclama de tudo, das enfermeiras, da água do chuveiro, da iluminação do quarto, do calor, da máscara de oxigênio.

Acorda no meio da noite, pede a comadre. Pergunta algo e se anima porque ainda consegue falar. Nunca fui muito de falar, né, filha? Eu sei. Mas, perder esse troço aqui, não gosto da ideia. Laura diz para ela não pensar naquilo, para se concentrar na melhora da situação atual.

Algumas amigas da igreja vão visitar. Uma delas repara na raiz branca do cabelo bagunçado, comenta com outra. Laura escuta a tudo quieta. Também cochicham sobre como está mais fraca, o rosto abatido.

Laura desce para o pátio do hospital. Há muita gente ali, pessoas empurrando cadeiras de roda, famílias inteiras com cara de espera. Ela se pergunta se os outros também a veem com essa cara triste da espera hospitalar, uma expressão que identifica como melancólica e vaga, mas levemente esperançosa. Pensa que todos que carregam esse semblante querem no fundo estar em outro lugar, fazendo outra coisa que não depositar dinheiro na máquina de *snacks*, se frustrar com a mensagem de erro na máquina de café e depois atender à ligação de um parente que mora longe querendo saber o último laudo médico. A preocupação de como distrair crianças numa situação dessas ela nunca teve: quando o

pai ficou no hospital antes de falecer, seus filhos já eram mais velhos e se viravam sozinhos.

O ex-marido de Laura chega para fazer uma visita. Traz flores, sempre soube escolher bem as flores, ela lembra. A mãe agradece, cordial. Na época, insistiu muito para que Laura se separasse, mas depois do ocorrido passou a tratá-lo melhor, e inclusive o elogia para a filha. Agora a mãe não se sente bem, responde monossilábica às perguntas que ele faz. Ele entende, diz que precisa ir, deseja melhoras. No corredor, conta para Laura que será pai novamente. Minha mulher já está de seis meses, diz, nunca imaginei que isso fosse acontecer, achei que nosso mais velho fosse me dar um neto a qualquer momento, mas estou animado.

Laura se despede dele na porta do elevador, volta ao quarto. A mãe pegou no sono. Aproveita para dormir também, no estreito sofá de visitas ao lado da cama hospitalar.

Laura, vem cá. Quem tá aqui? Laura? Ela tenta acalmar a mãe, mas a alucinação por conta da febre não passa. Filha, dá a mão. Você pisa no mar do lado de lá e eu desse aqui. Fala pro teu pai tirar a foto. Eliel! Vem cá.

Seu tom de voz vai aumentando, e chama a atenção de uma enfermeira, que demora a achar a veia para aplicar um calmante.

O médico entra com os exames. Temos que tirar água desse pulmão, diz. Laura pergunta se não devem ir a um centro cirúrgico, mas o médico fala que não, é um procedimento de rotina, fazem aquilo sempre, até mesmo os paramédicos na rua. É só

perfurar com uma agulha longa o tórax, retirar água da membrana fina entre a pele e o vazio do pulmão, a pleura. Ela vê a mão do médico com a agulha, o rosto dele quando ouve um ruído de ar saindo. Chamam o responsável às pressas.

Aguenta, Laura diz. Fica aqui. Está com a mão sob o pescoço da mãe, que se vira, pisca duas vezes, fecha os olhos. Chegam mais dois médicos e alguns enfermeiros com equipamentos. Laura sai de perto.

A boca da mãe está seca. Ligam de novo, e agora Laura atende. Desce, encontra os filhos. Não consegue dizer nada, o mais novo se adianta e é o único que fala com o agente funerário do hospital. O caixão mais simples, madeira clara, a cruz, sim, mas sem a imagem de Jesus pregado, só a cruz mesmo, por favor. Pode ser uma coroa de flores brancas. Pega o cheque na bolsa da mãe, preenche, pede a ela que assine. O agente pergunta se alguém quer ficar a sós com ela antes de prepará-la para o enterro. Laura, sentada entre os dois filhos, fala para irem buscando o carro. A mãe está muito inchada, parece mais baixa que o normal.

Lembra-se da mãe entrando com ela e o primo às pressas no carro. O marca-passo dele tinha parado de funcionar, naquela época eles não avisavam como hoje. Laura ia atrás e a observava massageando o peito dele, furando todos os sinais de trânsito. Por um momento ele parou de respirar. A mãe repetia que o sobrinho tinha ficado entre a vida e a morte. Laura aprendeu uma palavra naquele dia: tênue. É uma linha tênue, a mãe gritava, você precisa estar sempre atenta!

Do quarto de hospital em que ficaram se via o mar bem longe. Uma estreita faixa azul-escura achatada pelo céu em cima.